



BIBLIOTECAS  
DE LISBOA

**ARGUS: revista mensal *ilustrada* (Porto, 1907)** – Publicou-se no Porto, entre maio e julho de 1907. A sua periodicidade mensal, mesmo suportada por anunciantes, não impediu que só fossem publicados três números muito ilustrados, os quais constituem a sua coleção completa.<sup>1</sup>

Nas suas capas aparecem: o subtítulo “revista mensal ilustrada”, a numeração e o “preço avulso: 100 Reis”. Mesmo no final das capas são mencionados os seus responsáveis, o *Director e Redactor*: **Abílio de Campos Monteiro** (1876-1933) e o *Proprietário e Administrador*: **Mário Antunes Leitão** (ca 18--). Logo a seguir, na sua primeira contracapa anterior, encontramos a *ficha técnica* do periódico, a qual inclui as moradas da *Redacção e Administração*: *Rua de D. Pedro, n.º 184*, Porto, e a informação de que era “composto e impresso nas **Officinas da Empresa Litteraria e Typographica**” situada na mesma rua e cujo *Proprietário e Gerente* era **Joaquim Antunes Leitão**. Nos outros números, a *ficha técnica* da revista está inserida num retângulo carimbado no cimo das suas primeiras páginas.

Na primeira contracapa anterior também é publicada uma lista de novas secções para o próximo “número de Junho” de *Argus*. Das sete secções anunciadas, três não se vão publicar e duas mudam ligeiramente de título, pois em vez de “50 Anos depois” e “Modas”, encontram-se “**Há 50 Anos**” (n.º2, pp. 92-93) e “**As Modas em Junho**” (n.º 2, pp. 88-91). A direção também informa que “**além destas Secções, o *Argus* publicará sempre artigos eventuaes de diversos escriptores portugueses e brasileiros sobre vários assumptos, procurando assim satisfazer as exigencias de todos os seus leitores**”. Mais, tenta-se captar a atenção dos leitores com a frase: “**Todas estas secções serão profusamente ilustradas com magnificas gravuras.**” Acrescentamos que os periódicos, ao publicarem estes tipos de anúncios internos visavam diversificar e publicar novos conteúdos para **cativar mais leitores e leitoras**, e assim conseguir aumentar as suas assinaturas.

Em todos os números da revista, nas contracapas anteriores, repete-se o preço das “Assignaturas em Portugal, Ilhas e Colónias”, *1\$100 réis ao Anno, 600 por semestre e 300 por trimestre*; por ano, no *Brazil (moeda fraca)* ficavam por *8\$000*, e no *Extrangeiro*, *8,00 Francos*.

Numa **folha solta**, impressa com o segundo número da revista, intitulada “Aos nossos presados assignantes e leitores e à Imprensa portugûesa” e assinado por “A Emprêsa”, informa-se que o “**benevolo acolhimento que obteve o primeiro número**, excedendo muito a nossa expectativa, **obrigou-nos a reimprimi-lo** afim de podermos satisfazer os numerosos pedidos de assignaturas que de toda a parte continuamos recebendo”. E termina com “o nosso profundo reconhecimento”.

<sup>1</sup> Disponível na Hemeroteca Digital, em:  
<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Argus/Argus.htm>

Devido à variedade dos seus conteúdos, dos quais falaremos mais tarde, julgamos que esta revista cobre os géneros de **Imprensa Ilustrada, Literária e Cultural**.

## PROGRAMA EDITORIAL

A secção “**Chronica**” abre todos os números da revista e sabe-se que é escrita pelo monárquico **Campos Monteiro** (também: médico, escritor, periodicista), diretor e redator da revista *Argus*, apesar de só a última finalizar com as suas iniciais, CM. Na primeira crónica, a partir da mitologia grega, Campos Monteiro explica o nome **Argus**, como o mesmo de “Argus, filho de Aristor”. Segundo o autor, desde que a *Filosofia Cristã* matou os *deuses pagãos*, a Humanidade ficou “ao serviço d’esse formidável déspota que se chama **Curiosidade Publica**, milhões de fios telegráficos cruzam os largos continentes e rastejam pelo viscoso leito dos oceanos, milhões de paquetes singram de porto em porto, milhões de comboios fazem écoar pelas quebradas o seu silvo vibrante, milhões de chapas photographicas oferecem à luz fecundante do dia a misteriosa virgindade das suas películas de gelatina – **São os cem olhos de Argus, sempre abertos e sempre vigilantes, relanceados de polo a polo**”. Dirigindo-se aos leitores, CM termina a escrever sobre a “**nossa Revista, tão cheia de texto e de gravuras, onde os Casos do mez se encostam às últimas descobertas da Sciencia, onde os livros que os prelos veem de lançar à luz acotovelam as mais recentes peças theatraes**” (n.º 1, p. 2).

Campos Monteiro revela-se um incisivo **crítico social** nas suas duas **crónicas seguintes**. Na segunda crónica e, sobre o mau clima de maio, o autor sugere que “**Hoje em dia, o 1º de maio só poderá entusiasmar... os operários.**” O autor também ironiza: “Como exemplo d’essa nefasta influencia meteorológica, basta que citemos [...] que **acabam de sofrer essas duas grandes potencias** que em Portugal se chamam **Companhia dos Tabacos e Presidente do Conselho de Ministros**. [...] Vivemos, assim, em constante *regimen de grève*. Ainda a dos estudantes não tocou o seu último estado, e já se anuncia a dos fumistas (sic).” Em sequência, julgamos que vale a pena citar o seu final irónico: “**Pouco ou quasi nada se nos dá que o snr. João Franco governe d’esta ou d’aquela forma**. Simplesmente, visto que **sua excellencia representa hoje em Portugal o Omnipotente**, nós ousamos pedir-lhe que **faça dictadura, que nos prenda o pensamento, que nos tire a liberdade, - mas que [...] nos restitua a Primavera!**” (n.º 2, p. 60).

Na sua última crónica, CM desenvolve a antítese verão/inverno, a par da vida do **povo urbano** que “**Vive mal, come mal, trabalha muito; ganha um salario irrisório**. Todo o inverno representa para elle um supplicio pavoroso.” Na cidade do Porto, o povo vive em *ilhas* onde, explicita CM, do seu “solo térreo exala-se um odor de miasmas”. Depois, o autor contextualiza a época ao escrever que “**no cérebro intranquilo e desolado do operário penetram pouco a pouco**” os assuntos de que se fala, o “**socialismo, o anarchismo, o ódio ao Capital e ao Poder** [...]”. E retorna à ironia, ao dizer que “o almejado dia da desforra” chegou com o Estio e com as festas populares para as quais, o *proletariado* “cheio de entusiasmo larga para o arraial, a gosar a musica, os petiscos, a alegria do ajuntamento.” Depois, caracterizando um operário

instruído, o autor afirma o poder da imprensa escrita: **“Mal acorda, compra o jornal, essa tremenda machina de guerra que o governo tanto receia.”** E termina a crónica, desta forma cómica: “- É hoje o Senhor da Pedra, mulher! Arranja os filhos e o farnel, - e vamos por’ hi fóra!”. (n.º 3, p. 108).

As **fotografias das capas** retratam três periodicistas portugueses, e especialmente pela escolha no primeiro e terceiro números, deduzimos que a direção da revista revela-se **antifranquista**, pois **Guerra Junqueiro e João Chagas** são citados na revista, como vítimas da Ditadura de João Franco.

**Guerra Junqueiro** (1850-1923) tem honras de inauguração, com a sua fotografia na primeira capa da revista (maio de 1907), que reporta à notícia **“O Julgamento de Guerra Junqueiro”**, do qual citamos: “O nosso primeiro poeta houve de **comparecer, pela primeira vez na sua vida, perante o tribunal** de S. João Novo, **acusado do crime de abuso da liberdade de imprensa**” por, “na *Voz Publica* de 2 de dezembro” ter publicado um “*entête* que a autoridade julgou ofensiva da majestade real. [...] O genial escriptor foi **condennado em cincoenta dias de multa a mil reis por dias, custas e sellos do processo**” (Secção *CASOS DO MEZ*, n.º 1, p. 52).

**Rafael Bordalo Pinheiro** (1846-1905) aparece em fotografia póstuma na capa do número dois da revista (junho de 1907), por causa da reportagem “A Exposição de Cerâmica de Bordalo Pinheiro na Sociedade de Bellas Artes”, escrita por **Álvaro** (Pseudónimo de: **LEMOS, António de** (1864-1931)). Este texto inclui: fotografias da faiança exposta, uma caricatura do artista com assinatura inteligível, uma biografia do artista e periodista e uma crítica artística elogiosa, da qual referimos a frase: **“ Fez inegavelmente, no modo de fazer caricatura, uma revolução”** (Secção *NOTAS D’ ARTE*, n.º 2, pp. 76-79).

**João Chagas** (1863-1925) tem o seu retrato na terceira capa da revista (julho de 1907), por ser o alvo da notícia **“O Julgamento de João Chagas”**, do qual citamos: “Desde que no parlamento foi aprovada a **nova lei de imprensa, raras vezes as salas de audiencia dos tribunaes do paiz, sobretudo de Lisboa e Porto, teem ficado desertas de jornalistas [...]**. Coube agora a vez a João Chagas, fogoso democrata e brilhante, que diariamente vem anotando as suas impressões”. Mas, **uma das suas crónicas *As Minhas Razões no Primeiro de Janeiro* “cahiu sob a alçada da lei” [...]**. Desta vez, “resultou a absolvição do distinto escriptor” (Secção *CASOS DO MEZ*, n.º 3, p. 148).

## CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL

O chamado *rotativismo* político terminou com João Franco (1855-1929), o Presidente do Conselho de Ministros do rei D. Carlos, desde maio de 1906, apoiado pela *Coligação Liberal* assinada com o *Partido Progressista* até abril de 1907, altura da sua dissolução pois as “sessões do Parlamento decorriam em clima agitado”. A propósito, a Câmara dos Deputados é dissolvida, sem marcação de eleições, a **10 de maio de 1907**, iniciando-se o **governo ditatorial de João Franco**.

À imprensa partidária republicana junta-se a progressista, ambas a investir contra o *franquismo*. Perante esta situação, João Franco decreta em **11 de**

abril, uma **nova lei de imprensa**, conhecida como a **lei contra a imprensa**. Pouco depois, João Franco publica outra *lei de imprensa* no **Decreto de 20 de junho de 1907**, que completa a de 11 de abril, **proibindo “escritos, desenhos ou impressos, atentatórios da ordem pública.”**<sup>2</sup> Consequentemente, a **23 de maio**, passa a existir o chamado **“gabinete negro”**, instituído pela *lei de imprensa* para a fazer aplicar judicialmente.

O ambiente social também se encontra muito conturbado e estende-se a todo o país: a Greve Académica de Coimbra, iniciada em março, alastra-se a outras universidades; realizam-se frequentes comícios republicanos; algumas câmaras municipais aprovam moções contra a ditadura; greves do operariado português organizadas, provavelmente, pela Federação Geral do Trabalho de orientação sindicalista-revolucionária (criada em 23 de maio de 1907), etc.

Uma das consequências da agitação social e política urbanas é a **dissolução da Câmara Municipal de Lisboa por decreto de 6 de junho de 1907**, por regulamentação de João Franco.

## ESTRUTURA GRÁFICA

As **capas dos três números** apresentam o título principal ao cimo, em letra estilizada e garrafal, de cor branca. Depois, aparecem as **fotografias centradas, em moldura**, e não assinadas. E a partir do título, tudo é rodeado por linhas brancas ondulantes e floridas, a lembrar o estilo *arte nova*. A cor de fundo das capas muda com os números: no 1.º é encarnada, no 2.º é azul e no 3.º é cor-de-laranja.

Sem sumários, as páginas a **preto e branco** da revista são impressas a *duas colunas* e, muito raramente, a *três colunas*. Os seus três números, de 26 cm de dimensão cada, apresentam *paginação contínua*, totalizando 155 páginas. Não apresentam paginação as capas, as contracapas e as páginas dos anunciantes. Mesmo assim, o 1.º número tem 58 páginas numeradas e continuadas no 2.º, até à página 106. Mais, nos dois últimos números, a revista também não contabiliza a sua última folha com a secção de entretenimento **“Ao Fogão”** (n.ºs 2-3). Logo a seguir, na contracapa posterior e a fechar a revista, encontramos um anúncio de página inteira, da sua tipografia com o título **“Livreria da Empresa Litteraria e Typographica”** que incluía uma lista de livros e o respetivo preço (n.º 1-3).

## COLABORAÇÕES E SECÇÕES

A **colaboração artística** na publicação, na sua maioria não assinada, mostra-se: no título ilustrado de quase todas as suas secções, nas **vinhetas de remate** de temáticas geométricas e florais, e inumeráveis **ilustrações de qualidade**, principalmente retratos das personalidades mencionadas. De referir ainda, os dois desenhos da secção **“A Comédia Humana - Caricaturas de**

---

<sup>2</sup> “1907”. In *História de Portugal em Datas*, coord. De António Simões Rodrigues, Lisboa: Temas e Debates (4.ª Ed), 2007, p.256.

**Manuel** (Aníbal da Costa) **Monterroso** (1875-1967)”, inseridas em páginas inteiras como *ilustrações brancas* (n.º 1; n.º 2).

**Daniel Pires**, no seu pequeno *verbete literário* desta publicação, destaca **Gomes Leal** (1848-1921) que “assina o poema **“Pregões Matinais”**”<sup>3</sup> (n.º 1, p.20) e os nomes dos seus “principais colaboradores”: **Alexandre da Conceição** (1842-1889), o poeta naturalista com “Serenata” (n.º 2, p.63); **Eduardo de Noronha** (1859-1948), o conhecido cronista com “Rebate Falso-um episódio de viagem” (n.º 2, pp. 83-87) e “A Viagem do Príncipe” a África (n.º 3, pp. 129-135); **Gonçalves Cerejeira** com o poema “Amores d’ Infância” (n.º 2, p. 96); e **J. Ramos Coelho** (1832-1914), famoso poeta brasileiro com “Por Ella” (n.º 2, p.87).

Mencionamos, também, o investigador **José Eduardo Firmino Ricardo** e a sua Dissertação de Mestrado ***Domus Mea est Orbis Meus: Campos Monteiro (1876-1933)***, na qual menciona que **“o carácter temático da *Argus* [...] evidencia-se logo na capa do primeiro número, ao apresentar a fotografia de Guerra Junqueiro”** [...], na **“revista dirigida pelo monárquico Campos Monteiro**. A não ser que este, em início do segundo governo de João Franco, em 2 de Maio de 1907 (que entrou em ditadura, em 10 de Maio do mesmo ano, e que se prolongou até ao dia seguinte do assassinato de D. Carlos), andasse numa fase de descrédito relativamente ao próprio regime monárquico (sic).”

O investigador insiste que “era principalmente através das capas que a revista *Argus* revelava a sua matriz literária. No entanto, as secções que compõem o primeiro número alargam, desde logo, o âmbito programático da revista: **a par da vertente literário-cultural – Crónica, Teatro e Música, A Poesia do Povo, Livros Novos, “A Comédia Humana – caricaturas de Manuel Monterroso”** – estendiam-se, também, outros títulos que denotavam uma **configuração mais generalista: “Sport”** [n.º 1], **“O Grande Acontecimento do Mês”** [“4.º Congresso contra a Tuberculose”, n.º 1], **“Casos do Mês”** [n.ºs. 1-3], **“Ciências e Indústrias”** [n.º 1] e o internacional **“De Pólo a Pólo”** [n.ºs. 1-3] (para além da publicidade inserida no fim)”. E acrescenta que **“o preenchimento do corpus da revista era feito, tendo em conta uma prospecção de interesses socialmente alargados**. De qualquer modo, o espaço de criação e de divulgação literária (de cariz também popular), da **arte, das ideias e da crítica encontram-se expandidas nas páginas dos três números da *Argus***. Notamos, por exemplo, neste primeiro número [e no terceiro número: *Dona Clara* em “A Poesia do Povo”], o romance popular (recolhido em Chaves) ***O Conde Rausador*** [...], ***O Auto da Serra*** [de **Campos Monteiro**], uma composição em verso, com um só acto, de índole pastoril e que foi escrita a propósito do 4.º Congresso contra a Tuberculose e a Inauguração do Sanatório Sousa Martins [n.ºs. 1-2]” (sic).

Na opinião de José Eduardo Firmino Ricardo, “Campos Monteiro preconiza, assim, uma revista [*Argus*] que viria a ter o seu término três meses após o primeiro número. A semente, todavia, não secou e, mal teve oportunidade, o

---

<sup>3</sup>“Argus”. In *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*, de Daniel Pires. Lisboa: Grifo-Editores e Livreiros Lda.,1996, p. 68.

escritor transmontano lançou-se naquilo que viria a ser o seu grande projecto editorial: *Civilização – Grande Magazine Mensal* (1928-1937).”<sup>4</sup>

Destacamos a secção “**Theatro e Musica**”, publicada nos dois primeiros números da revista, pois através dos seus textos e recensões críticas a espetáculos, tomamos conhecimento de parte da cultura portuguesa de 1907. Esta secção ocupa oito páginas não assinadas no primeiro número, constituídas por textos e onze ilustrações, a maioria de retratos de autores ou atores. A sua primeira recensão crítica corresponde à ópera “**Amor de Perdição - Drama lyrico em 3 actos (Theatro de S. Carlos – Lisboa)**”, do conselheiro João Arroyo” (retrato incluído) e com tradução do *libreto* por Francisco Braga (retrato), professor da Escola Normal do Porto, sobre o texto dramático de D. João da Câmara, do romance original de Camilo Castelo Branco (retrato pintado). A “primeira audição” foi a 2 de março sob a direção do *maestro Mancinelli*, com artistas italianos e não portugueses, o que é aqui criticado. Mais, os espetáculos “da segunda quinzena de Março foram preenchidos, no **Theatro D. Amélia** (Lisboa)” e com sucesso, pela “Companhia dramática italiana *Tina di Lorenzo*” (nome da atriz principal). A par, a *Companhia do Theatro D. Amélia* estava no **Theatro S. João** (Porto) com peças que agradavam “apesar de serem quasi todas conhecidas do público” como a **Rajada** com a atriz Lucinda Simões, e a **Veronica**, *operetta* protagonizada por Palmyra Bastos.

Segue-se a recensão crítica a “**O Teso – Revista em 3 actos**, por Sá de Albergaria, verso de Accurcio Cardoso, musica de Calderon. – **Theatro Carlos Alberto (Porto)**”, o sucesso da época. Menciona-se que a “**censura policial subtrahiu aos auctores d’aquelle género theatral [Revista] os melhores recursos de que podiam dispor: a caricatura e a livre crítica**”. No mesmo teatro, encontramos outra recensão crítica a “**As Pupillas do snr. Reitor – opereta em 4 actos**, de Alfredo Miranda [retrato incluído], verso de Accurcio Cardoso, musica de Philippe Duarte.” A partir da novela de Júlio Diniz, refere-se que “**houve de condensar [...] para dar logar àquelas [cenar] que mais comovem a alma do espectador**”.

A última menção teatral diz respeito a duas peças novas, as **revistas Favas Contadas** de Camara Lima”, e **Festas de Santo António** de Alvaro Cabral, pela “**Companhia lisbonense** do Theatro Avenida (Lisboa). – **Theatro Principe Real (Porto)**”. Informa-se que a Companhia lisbonense é dirigida pelo ator José Ricardo (retrato incluído), “um dos actores predilectos das nossas plateias”, e que tem como “estrella a distincta cantora Amelia Loppicolo [retrato incluído]” (n.º 1, pp. 3-10).

No segundo número da revista, a secção “Theatro e Musica” inclui três textos. O primeiro texto, “**Tema Antigo**” de **João Ramos**, o qual não é mais do que um elogio artístico a Anita Fontana, cantora lírica italiana, e que inclui um seu retrato. O texto seguinte intitula-se “**Companhia de D. Maria II**”, não assinado, refere-se a “oito magníficos espectaculos” no **Theatro de S. João**, pela “**companhia do Normal**” que a “30 de maio retirou para Lisboa”. No Porto

<sup>4</sup> Ver: [http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/184/1/msc\\_jeffricardo.pdf](http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/184/1/msc_jeffricardo.pdf) [p.109-113]

representou as peças: ***Inseparáveis, Leonor Telles, Frei Luiz de Sousa e Affonso d'Albuquerque*** – uma novidade. Assim, só a peça nova tem uma breve recensão crítica, destacando o ator Eduardo Brazão que “tem no último acto d'este drama, um trabalho superior – a nosso ver o que salva a peça que, por vezes, decorre arrastada e monótona.” O terceiro texto refere-se à “**Associação dos Professores de Instrumentos de Arco**” que deu um **concerto no *Theatro Águia d'Ouro***, a 29 de maio, pela sua *Classe Musical* composta por 50 figuras e “dirigido por um violinista notável, o snr. Henrique Carneiro”, com direito a retrato (n.º 2, pp. 94-96).

## ANUNCIANTES

A informação sobre o preço dos anúncios encontra-se apenas no seu primeiro número, mais precisamente na contracapa anterior. E são os seguintes: *Annuncios por uma única inserção e por página avulsa* disparavam para os 12\$000 réis, 7\$000 por ½ página, e 3\$500 por ¼ de página, mas tinham “Descontos” de 20% num *anuncio de anno*, 15% num de semestre e 10% num de trimestre. E no caso dos “*anuncios ilustrados* acresce o preço da gravura (10 reis por centímetro quadrado) dando o anunciante o original” (n.º 1).

Os anúncios, alguns ilustrados, aparecem no fim de cada número da revista, exceto um, repetido nas contracapas anteriores dos dois últimos números e de carácter pedagógico e ilustrado com duas crianças a brincar, da ***Pharmácia Lemos & Filhos, Porto***. Pelo seu conteúdo relevante em 1907, devido à epidemia de tuberculose, citamos o anúncio: “**Se presaes a saude de vossos filhos e os quereis fortes e com boas cores**, deveis dar-lhes a FOSFIODOGLICINA” [...] (n.ºs. 2-3).

Cada anúncio, separado com cercadura ilustrada, enche sete páginas no final do primeiro e terceiro números e quatro páginas no segundo. Referimos primeiro, os **mais fiéis anunciantes** da revista: ***A Industrial VIEIRA & SILVA***, Porto [n.ºs 1-3]; ***MERCURIO: Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres – Com sede no Rio de Janeiro e “Agentes gerais em Portugal”***, no Porto e Lisboa [n.ºs 1-3]; ***Automovel – gazo da Colonial Oil Company***, Porto: [n.ºs 1-3]; ***ESCOLA PRATICA DE COMERCIO***, Porto [n.ºs 1-3]; ***EMPREZA Industrial de Cortumes***, Porto, com “Agente em Lisboa [n.ºs 1-2]; ***ATELIERS de PHOTOGRAVURA Marques Abreu & C.ª***, Porto [n.ºs 1-2]; ***Arte: Publicação mensal especializada*** [n.ºs 1-2]; ***Escola Pratica Commercial Raul Doria e E. C. de Economia Doméstica***, Porto [n.ºs 1-2]; ***O Marquez de Niza*** por Eduardo de Noronha [n.ºs 1-2]; ***PADARIA CONFIANÇA***, Porto [n.º 1, 3]; ***PINTO DA FONSECA & IRMÃO: Casa Bancária***, Porto [n.º 2-3].

Os outros anunciantes são: ***PADARIA CUNHA***, Porto, a qual junta o conhecido slogan “**O melhor café é o d' A Brasileira**” [n.º 1]; ***J. MINCHIN JUNIOR: Officina metallurgica, Pichelaria Sanitaria, Canalisações e Fabrica d' Esmaltagem***, Porto [n.º 1]; ***BRAGA & PILE: Materiais de Construção e Saneamento***, Porto [n.º 1]; ***António Cardoso da Rocha: Fábrica de Papéis pintados***, Porto, com Sucursal em Lisboa [n.º 1]; ***António Luiz Ribeiro: Oficina de Picheleiro e Latoeiro***, Porto [n.º 1]; ***Arnaldo Lima: Artigos Sanitários/Materiais de Construção***, Porto, Depositário da COMPANHIA

PREVIDENTE de Lisboa [n.º 1]; **CONSULTÓRIO MEDICO-CIRURGICO:** *Clínica geral e especial dos países quentes* [n.º 1]; **Annexo á ESTUDANTINA PORTUENSE** dos Irmãos Antunes, Porto [n.º 1]; **Casa Sardinha: Cadeiras de Cura** [n.º 1]; **CASA AFRICANA:** *Armazem de Modas*, Lisboa [n.º 2]; **BORGES & IRMÃO:** *Exportadores de Vinhos Portuguezes e Secção de Cambio*, Porto [n.º 3]; **Fábrica da Pampulha:** *Bolachas e Biscoitos*, Lisboa, com Depósito no Porto [n.º 3]; **COLCHOARIA HYGIENICH:** *Cofres, Fogões, Obras de zinco*, etc., Lisboa e Porto [n.º 3]; **A EQUITATIVA** dos Estados Unidos do Brazil: Sociedade de Seguros Mutuos sobre a vida, com sede no Rio de Janeiro e filiais em Lisboa e Porto [n.º 3]; **CASA XAVIER:** *aparelhos orthopedicos*, Porto [n.º 3].

Concluimos, relembrando que a revista *Argus* teve uma duração muito curta, de três meses, em 1907, durante um período conturbado, política e socialmente. Assim, julgamos que o facto de não haver *liberdade de imprensa* e dos escritores serem julgados nos tribunais por violarem as restritivas *leis de imprensa* em vigor, contribuiu para a revista não continuar a ser editada.

Por Helena Roldão

Lisboa, Hemeroteca Municipal, 17 de junho de 2014.

#### **Bibliografia consultada:**

PIRES, Daniel - *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*. Lisboa: Grifo-Editores e Livreiros Lda., 1996.

MATTOSO, José – *História de Portugal*, Vol. 6, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.

RODRIGUES, António Simões (Coord.) – *História de Portugal em Datas*. Lisboa: Temas e Debates (4.ª Ed), 2007.

MATOS, Álvaro Costa de, e OLIVEIRA, João Carlos (Coord.) – *O JOGO DA POLÍTICA MODERNA! Desenho Humorístico e Caricatura na I República*. [Catálogo]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa – Grupo de Trabalho para as Comemorações Municipais do Centenário da República, 2010.

RICARDO, José Eduardo Firmino – *Campos Monteiro: Domus Mea est Orbis Meus*. Coimbra: Palimage, 2012.

#### **Sítio consultado na Internet:**

RICARDO, José Eduardo Firmino – “Domus Mea est Orbis Meus: Campos Monteiro (1876-1933)”. Dissertação de Mestrado. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), 2008.

In: [http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/184/1/msc\\_jeffricardo.pdf](http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/184/1/msc_jeffricardo.pdf)